

TERRA, SANGUE E TESTEMUNHO: MOULLOUD FERAOUN E OS ROMANCES ETNOGRÁFICOS¹

Gustavo Beckhauser Farias - UNIMONTES/MG

Palavras-Chave: Romances Etnográficos, Mouloud Feraoun, Cabília.

RESUMO

O presente trabalho propõe à análise do impacto das políticas de assimilação francesa na construção dos dilemas sofridos pela intelectualidade argelina, através do romance etnográfico “*La terre et le sang*” (1953) do escritor, professor e intelectual argelino Mouloud Feraoun (1913-1962). Os romances etnográficos emergiram como um movimento político-literário, durante o século XX, que buscava registrar e descrever a cultura e o cotidiano de povos nativos que estavam sob ocupação colonial. Conforme aponta Bourdieu (2022), foram fontes fundamentais para escapar de uma produção antropológica com fortes marcas coloniais. Destacam-se nesse texto as relações coloniais entre a França e a Argélia, evidenciando as políticas assimilacionistas que aceleram a destruição do modo de vida tradicional cabila (localizada na cordilheira do Atlas em território argelino). Feraoun escreve seus principais romances, “*Le fils du pauvre*” (1950) e “*La terre et le sang*” (1953) próximo da eclosão da guerra de independência da Argélia (1954-1962) e testemunha os horrores da guerra em seu diário (Journal, 1955-1962), publicado após o seu assassinato por paramilitares franceses, dois meses antes do cessar-fogo em 1962. Sua literatura emerge como expressão significativa na construção e preservação da memória cabila, durante os eventos críticos da descolonização argelina. Nesse complexo contexto, seus manuscritos registram a vida e as tradições cabilas, bem como as alterações sofridas por essa população rural durante a colonização. Paralelamente, Feraoun apresenta em seus textos um alargamento da concepção de humanidade compartilhada, enquanto uma tentativa de humanizar para o leitor o povo cabila frente ao colonizador. Argumentamos que através de seu romance semi-autobiográfico, “*La terre et le sang*” o autor concilia a sua educação burguesa francesa, adquirida através do regime colonial, com o saber prático cabila, resultando em uma escrita engajada com a denúncia da violência colonial e os

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

horrores perpetrados pelo exército francês. Dessa forma, sua literatura se torna uma busca pela coerência pessoal e coletiva ao dar voz e sentido às suas memórias, enquanto narra e denuncia as violências e destruições enfrentadas pelos cabilas. Com base em sua produção intelectual e das análises de Debra Kelly e Jane Hiddleston em *Autobiography and Independence* (2005) e *Decolonising the Intellectual* (2014), respectivamente, este estudo contribui para a compreensão da complexa relação entre o testemunho do intelectual assimilado frente aos eventos críticos da guerra e luta anticolonial.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho exploraremos os impactos das políticas coloniais francesas, na escrita literária do romancista, professor e intelectual argelino, Mouloud Feraoun (1913-1962). Buscaremos apresentar brevemente sua inserção no movimento político-literário dos romances etnográficos. Focando nossa discussão em seu segundo romance publicado, *“La terre et le sang”* (1953), tentando demonstrar como o autor trouxe inovações para o campo literário, tanto na forma de sua escrita, quanto no seu conteúdo político, agindo assim, como um precursor de uma escrita engajada a favor do povo cabila.

Para tanto, tentaremos traçar uma linha lógica que se inicia na invasão francesa ao território argelino, buscando a compreensão dos impactos da violência colonial na destruição física e política da Argélia. Além disso, usaremos esse momento para esclarecermos a passagem da lógica colonial francesa, focada no extermínio por via militar, para uma lógica de exploração agrária, e demonstraremos não uma ruptura, mas uma continuidade do sofrimento argelino durante essa passagem.

Com a obra de Pierre Bourdieu, Abdelmalek Sayad e Mouloud Mammeri, aprofundaremos nossa discussão sobre os impactos da colonização na vida campesina. Focaremos na construção da pobreza Argelina, através da exploração das terras comunais para a plantação de uva, bem como, os impactos da política de reassentamento na destruição cultural da Argélia. Assim, demonstrando como a destruição física e a usurpação da terra destruiu as bases econômicas e sociais argelinas, levando a uma ruptura de suas bases culturais.

Passaremos para a análise da política de assimilação francesa, e como essa destruição acontece ao mesmo tempo no campo ideológico e cultural, através das políticas de concessão de cidadania e das instituições educacionais. Assim

introduziremos ao trabalho os intelectuais e romancistas norte-africanos, como o próprio Feraoun, o posicionando enquanto agente atuante na disputa simbólica pela compreensão da Argélia.

Uma vez apresentando o cenário político e social, onde se desenrola a trama da investida literária de Mouloud Feraoun, apresentaremos brevemente sua biografia, através de sua trajetória educacional e faremos uma exposição da sua escrita, com a cronologia de publicação de seus textos. Deste modo, tentaremos traçar uma via de análise para compreendermos o romance “*La terre et le sang*” como um romance inovador tanto no campo da escrita, como no engajamento anticolonial.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para atingir esses objetivos, iniciamos nossos trabalhos analisando a invasão francesa à Argélia. Utilizamos como fonte principal, nessa etapa, o livro do historiador Ben Kiernan: “*Blood and Soil: A World History of Genocide and Extermination from Sparta to Darfur*” (KIERNAN, 2007), onde o autor nos apresenta uma discussão dos diversos genocídios perpetuados na história mundial. No capítulo intitulado “*Settler Genocides in Africa, 1830–1910,*” subtópico “*The French Conquest of Algeria, 1830–1875*”, o autor nos apresenta um panorama da invasão francesa a partir de cartas escritas por Alexis de Tocqueville, focando principalmente na compreensão da visão do colonizador sobre o processo de colonização.

O texto fornece também uma base para a compreensão das violências físicas perpetuadas pelo exército francês e a brutalidade empregada na invasão, como também, nos apresenta a lógica utilizada pelo exército de, destruir as bases físicas e políticas da Argélia, para remodelá-la à imagem e semelhança da França. Uma lógica que passou pela reorganização física e estrutural das principais cidades argelinas, até o assassinato dos políticos opositores à colonização gerando uma duradoura mudança na estrutura política local, impondo uma chefia à Argélia que cooperasse com as práticas coloniais. E por fim, ao se finalizar a etapa militar da invasão, o autor apresenta a lógica da continuidade da colonização a partir da exploração da terra, este que era desde o início o foco principal desse processo.

Para aprofundar a compreensão dos impactos da colonização e da exploração agrícola em território argelino, utilizamos principalmente o trabalho de etnosociologia realizado por Pierre Bourdieu e Abdelmalek Sayad na Argélia. Foram utilizados os livros “*Antropología De Argelia*” (BOURDIEU, 2007), “*El Desarraigo, La Violencia*

Del Capitalismo En Una Sociedad Rural” (BOURDIEU e SAYAD, 2017) e o artigo “A Dominação Colonial E O Sabir Cultural” (BOURDIEU e SAYAD, 2006). Esses textos desenvolvem uma compreensão mais detalhada sobre a Cabília, bem como, apresentam que o processo de desestruturação rural da Argélia, atinge o pico de uma desestruturação também das práticas culturais. Ao modificar uma sociedade pré-capitalista, baseada na honra e nas trocas equivalentes, passando para uma lógica monetária capitalista de exploração da terra em busca do lucro, a França arrasta a Argélia para uma lógica moderna, destruindo as suas bases econômicas, temporais e culturais no processo. Essa mudança na agricultura, se intensifica com a guerra de independência e a política de reassentamentos, que retira as populações das regiões montanhosas e as organiza em campos de reassentamentos construídos sob uma ótica militar de controle. Bourdieu e Sayad, defendem que esse processo gera um desenraizamento da cultura Argelina, que orbitava em torno da terra.

Após o estudo das diversas violências físicas e simbólicas, ocasionadas pelas políticas de exploração da terra na colonização, passamos para a necessidade de compreendermos melhor o processo de dominação simbólica efetuado pela França. Para tanto utilizamos o livro de Jane Hiddleston: “*Decolonising the Intellectual Politics, Culture, and Humanism at the End of the French Empire*” (HIDDLESTON, 2014), onde a autora nos apresenta como a política de assimilação francesa e a missão civilizadora, contribuíram para o surgimento de diversos intelectuais, que após seu processo educacional se ergueram contra a França pela defesa de seus povos. A autora nos apresenta como a política de assimilação utilizou primeiramente a cidadania francesa, como modo de destituir os argelinos de sua cultura, onde para adquiri-la era necessário abdicar da sua religião, seus costumes e até mesmo sua própria língua. A missão civilizadora também caminhou na mesma via, criando uma educação francesa ocidentalizada. E foi nessa educação que Mouloud Feraoun se formou. Jane Hiddleston também apresenta a importante questão do humanismo colonial, e como intelectuais, a exemplo do próprio Feraoun, enfrentaram essa lógica e propuseram um alargamento do humanismo da época.

Por fim, a autora Debra Kelly em seu livro “*Autobiography and Independence Selfhood and Creativity in North African Postcolonial Writing in French*”, (KELLY, 2005) apresenta a história de vida de Feraoun, aliada a uma análise das inovações presentes tanto na forma de sua escrita, pelo uso do realismo e da autobiografia, como também o pioneirismo de sua escrita e suas críticas a colonização francesa. Deste modo,

tornando possível posicionar Feraoun, como um precursor dentro de uma lógica anticolonial, que se intensificou nas décadas seguintes.

Desta feita, tentaremos fazer uma ligação entre a obra do Mouloud Feraoun, usando como exemplo o romance “*La terre et le sang*”, com a situação política da Argélia, no período da descolonização, situando os seus textos como um esforço pela valorização da cultura e do testemunho da violência sofrida pelo seu povo, frente aos eventos críticos da guerra de independência e da luta anticolonial.

TERRA

A Argélia é um país situado no Magreb, região localizada no noroeste da África transpassada pela “Cordilheira dos Atlas”, que separa o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico do deserto do Saara. Moulou Feraoun nasceu em 1913, no norte do país, na região montanhosa da Cabília, em uma pequena aldeia chamada Tizi-Hibel. Feraoun realizou sua formação para professor licenciado, após conseguir uma bolsa de estudos na *École Normale de Bouzaréa*, onde iniciou seu contato com outros intelectuais como Albert Camus e Emmanuel Roblès. Iniciou a carreira de professor em 1936, na cidade de Taourirt-Aden, 50 km da sua aldeia natal. Passou por algumas cidades, nos anos posteriores como Taboudrist, entre 1937–45, onde se casou com uma mulher chamada Dehbia. Passou por outros cargos em cidades distintas, até que em 1957 assumiu como diretor em uma escola próxima da capital onde em 1958 se tornou “inspetor dos Centros Sociais, criados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para estudar formas de proporcionar educação aos mais pobres da sociedade.” (KELLY, 2005, tradução nossa).

Feraoun morreu prematuramente em 15 de março de 1962, com 49 anos de idade. Mouloud Feraoun foi assassinado –apenas 2 meses antes do cessar-fogo– em El-Biar, com mais 5 amigos, pela *l'Organisation Armée Secrète* (OEA) uma milícia francesa de extrema direita, contra a independência da Argélia. Feraoun pode ser descrito principalmente como um professor que usou a escrita para “testemunhar de forma tão honesta e clara quanto fosse possível, primeiro as más condições de vida do povo da Cabília e, em última análise, os horrores cotidianos da revolução.” (HIDDLESTON, 2014, tradução nossa).

Tanto a vida quanto a morte de Feraoun estiveram ligados à situação colonial da Argélia. Sua formação como educador, seus ideais, suas relações de amizade, seus conflitos internos, seus dilemas enquanto intelectual, e por fim seus textos, foram

constituídos nesse cenário conflituoso e refletem esse cenário. Seus textos categorizados como romances etnográficos buscavam falar de sua terra e de seu povo. Portanto partiremos da compreensão da sua terra, e do sangue derramado sobre ela, para que possamos compreender um pouco melhor, o seu testemunho.

Neste trabalho pretendemos compreender a Cabília enquanto um espaço de disputa física e simbólica, a partir da invasão francesa (1830) até o período da descolonização em 1962. Físicas, no panorama da usurpação das terras através das leis fundiárias, da política de reassentamentos e, por fim, pela urbanização forçada de uma população campesina (KIERNAN, 2007 e BOURDIEU e SAYAD 2006). Ao mesmo tempo que simbólica, quando pensamos nos impactos da política de assimilação francesa, na missão civilizadora fruto dessa política, no humanismo colonial e seus dilemas surgindo ao fim da colonização e nas contradições do próprio discurso FLN com pretensões nacionalistas de unificação sob a lógica árabe (HIDDLESTON, 2014 e BOURDIEU e SAYAD, 2006).

Antes da dominação colonial existia um ideal de vida rural baseado na família e na extensão da família que seria a tribo. Ao mesmo tempo, a terra é tratada como um bem comunal, pertencendo à tribo. E a honra seria o elo que permitia com que a terra fosse da comunidade e não do indivíduo (BOURDIEU e SAYAD, 2017). Uma estrutura social que começa a se desfazer com a colonização francesa.

SANGUE

Em 1830 se inicia a invasão francesa na Argélia. Uma invasão brutal e sangrenta, marcada pela destruição de cidades, e do genocídio de tribos inteiras através de assassinatos cruéis e desumanos, como El Oufia em 1832, Ouled Aziz 1839 e Ouled Rhia 1845 (KIERNAN, 2007). A invasão francesa em um primeiro momento dedicou-se a aplicar a lógica do extermínio, através da força militar, nas três primeiras décadas de invasão, houve aproximadamente de 500 mil a 1 milhão de argelinos mortos, ao tempo em que em 1847 o número de colonos no país era de cerca de 104 mil pessoas (KIERNAN, 2007). Ao mesmo tempo em que se assassinavam os argelinos com brutalidade, na França se justificava a colonização, com discurso expansionista, em que a Argélia ofereceria uma nova oportunidade agrária para o “fortalecimento da nação e o caráter francês” (KIERNAN, 2007). Existia uma visão de que árabes eram incapazes de praticar a agricultura como os franceses, e assim, as férteis terras da Argélia eram desperdiçadas (KIERNAN, 2007).

O general francês Louis Juchault de Lamoricière, após conseguir a rendição do líder militar Abd-el-Kader, que liderava a resistência contra a invasão francesa, na década de 1840, conseguiu uma nomeação como ministro da guerra da França. Lamoricière em seu discurso de retorno à França afirmou que a colonização deveria continuar, só que não mais por meio dos militares, mas pela colonização agrícola (KIERNAN, 2007). A *plantation* de uva, se instaura nesse momento, como uma forma de conquistar os lucros esperados pelo império francês, através da produção do vinho ao mesmo tempo em que, minaram os restantes dos recursos dos argelinos.

A política agrária francesa, gerou uma desestruturação da economia rural baseada na tribo, ao transformar as terras comunais em mercadoria. Desde o século XIX Leis como “*Cantonnement* (1856-1857), o *senatus consultum* de 1863 e a *Lei Warnier* de 1873”, usavam do discurso de modernização, e progresso da economia argelina para impor uma lógica capitalista baseada na propriedade individual, organizando-a a partir de sua incorporação à esfera jurídica (BOURDIEU e SAYAD, 2017). Porém essas leis fundiárias, funcionam antes como uma ferramenta de usurpação francesa das terras férteis de uso comunal, do que propriamente cumpriram seu discurso de modernização da economia. O que acaba por desestruturar socialmente a tribo, alterando tanto as bases econômicas quanto as bases temporais, que se fundavam na integração das aldeias, na lógica da honra e no uso de terras comuns para o plantio. Culminando num enfraquecimento dessa importante unidade social (BOURDIEU e SAYAD, 2017).

Em 1954, pequenos partidos políticos difusos se unem para a criação da Frente de Libertação Nacional (FLN) que inicia a Guerra de Independência da Argélia. Para frear os avanços da FLN a França opta por uma das políticas mais nocivas e que deixa as marcas mais permanentes da colonização da Argélia, a denominada “política de reassentamentos” (BOURDIEU e SAYAD, 2006). Essa política, em linhas práticas, se tratava de esvaziar as regiões montanhosas que dificultavam a entrada dos militares e então considerar como rebeldes, aqueles que permanecessem nas novas “zonas proibidas” (BOURDIEU e SAYAD, 2006). Essa ação militar destruiu diversas aldeias, expulsando violentamente a população das montanhas para as planícies, alocando esses povos em grandes centros sob a vigilância militar e supervisão das Seções Administrativas Especializadas (SAS). Bourdieu e Sayad afirmam que os reassentamentos submetiam a população a viver de forma precária, em estado de pobreza material e moral (BOURDIEU e SAYAD, 2006).

Devido ao seu isolamento geográfico e a proteção natural das montanhas do Atlas, a Cabília era até então uma das regiões menos afetadas pelo contágio cultural da colonização. A política de reassentamento muda esse cenário. Segundo Bourdieu e Sayad, os Maciços de Kabylia, as Montanhas Aurès, as Montanhas Nemencha, as Montanhas Bibane, as Montanhas Hodna, o Tell Atlas acima de Mitidja Plain, as Montanhas Titteri e o Maciço Ouarsenis, até então preservados – em comparação ao restante da Argélia colonizada– se veem em 1960 quase que completamente despovoados com sua população agora já nos reassentamentos das planícies, ou fugindo para as cidades (BOURDIEU e SAYAD, 2006).

Tanto Bourdieu e Sayad quanto Kiernan, explicam que a ideia dos franceses era submeter a geografia espacial ao controle colonial (desde o início da invasão), subordinando o espaço físico para subordinar então a população:

Tudo era padronizado e alinhado: construídas de acordo com normas impostas em locais impostos, as casas eram dispostas, em linha reta, ao longo de ruas largas que desenhavam o traçado de um *castrum* romano ou de uma vila colonial. No centro, a praça com as três características das pequenas cidades francesas: a escola, a câmara municipal, o monumento aos mortos. (BOURDIEU e SAYAD, 2006)

Essa subordinação do espaço a uma lógica estranha e estrangeira, a reorganização dessas tribos sem critério nenhum, os diversos assassinatos e por fim o próprio estado de miséria ocasionado pela exploração do campo, destituiu os cabilas dos meios necessários para exercerem sua cultura. Uma cultura quase sempre ligada à terra, por sua característica intrínseca campesina, e transmitida através da poesia oral. (BOURDIEU, 2006).

A poesia era a forma de passagem e preservação da sabedoria (filosofia) e da memória para o povo cabila. E essa sabedoria passada pela poesia chamada de *tamusni* era intimamente ligada à terra, e ligada às estruturas de honra daquela sociedade. Em uma entrevista realizada por Bourdieu, o escritor, poeta antropólogo, linguista Mouloud Mammeri, um argelino, filho do penúltimo *amusnaw*, isso é, um poeta que detinha autoridade reconhecida para manipular os conhecimentos da *tamusni* afirma que:

Depois da morte do último *amusnaw*, que se chamava Sidi Louenas, ela acabou... Depois dele, essa forma da *tamusni* morreu, passando-se para outra coisa. Mesmo que tenham restado, exteriormente, algumas formas superficiais da *tamusni*, todos sabem que morreu com aquele homem esse

modo de pensar e dizer as coisas. Aliás, foi um verdadeiro drama coletivo. Quando ele faleceu, sabia-se que algo havia morrido com ele definitivamente. (BOURDIEU, 2006)

Se a poesia cabila, se sua história e sua sabedoria se ligam a terra, ao seu modo de vida tradicional rural, a força da inserção desse povo a uma lógica rígida, racional, urbana e estrangeira, acaba por reformular sua própria visão de si e de seu passado. Nessa lógica a história argelina, assim como diversas outras histórias de países colonizados, como o próprio Brasil, passam a se iniciar com a colonização. A sua história se submete a ser a história de sua conquista, e seu passado tradicional se vê apagado pelos ideais coloniais. Essa série de práticas desumanizantes levaram não só a uma desestruturação social, mas também a uma desestruturação cultural. Na impossibilidade de serem “camponeses”, os “camponeses descamponesados” –como denominou Bourdieu e Sayad no livro “*El Desarraigo* (2017)”– obrigados a migrar para os centros urbanos, não perderam apenas o seu meio de trabalho, mas sua cultura intrinsecamente ligada à terra (BOURDIEU e SAYAD, 2017).

Aliado à exploração da terra, a França implementou uma política que visava dominar culturalmente e politicamente suas colônias, tornando-as “parte da França”. A chamada política de assimilação, mostrava uma França aparentemente disposta a conceder direitos de cidadania aos argelinos após o *Sénatus-Consulte* de 1865. Essa lei deu a possibilidade de naturalização por parte dos argelinos mulçumanos, porém, sob a exigência de renegar a religião muçulmana e se mostrassem dispostos a adquirir a medida do possível a cultura e a língua francesa (HIDDLESTON, 2014).

A política de assimilação não possuía na realidade, o ideal de compartilhar direitos, de alargar a ideia de cidadania para abarcar uma outra população, mas sim, possuía a intenção de dominar culturalmente o povo argelino. A intenção era moldá-los ao modo de vida francês através das instituições (HIDDLESTON, 2014, BOURDIEU E SAYAD 2017). E uma das principais formas de realizar essa transformação cultural aos argelinos era por meio da educação, através da missão civilizadora. Devia-se, nas escolas francesas na Argélia, educar o argelino para que, não apenas adquira a língua do colonizador, mas, para abrir mão de sua própria língua e acreditar na superioridade da língua francesa, a língua “civilizada” (HIDDLESTON, 2014). Educar para convencê-los de que todo esse processo de exploração era na realidade um grande favor. Como afirma Hiddleston: “De forma mais ampla, o ideal elevado, mas ilusório, de assimilação

à cultura francesa implicou uma desqualificação da cultura local e uma glorificação dos benefícios universais da civilização francesa.” (HIDDLESTON, 2014, tradução nossa). Desse modo, o projeto de assimilação criava um dilema, ao mesmo tempo que a educação poderia ser uma forma de melhorar as condições materiais de vida, para um argelino, cobrava o alto preço do esvaziamento da identidade argelina.

Para assumirem a posição de intelectuais, pensadores como Abdelmalek Sayad e Mouloud Feraoun, primeiro que passaram por uma educação francesa dentro da Argélia. Adquiriram a língua francesa e quando escreveram seus textos publicaram em francês. O que criou um paradoxo, usar a língua do colonizador e sua estrutura de pensamento para preservar sua cultura e criticar a colonização denunciando os seus horrores e a pobreza inculcada ao seu povo (HIDDLESTON, 2014)

Após a Primeira Guerra Mundial, ocorreu uma intensificação desses dilemas. A partir de um certo ceticismo à viabilidade da política de assimilação, a lógica assimilacionista buscou acrescentar um novo objetivo, além de “civilizar os nativos” com os ideais franceses. Nesse período a política assimilacionista paradoxalmente buscava também incentivar o desenvolvimento das culturas indígenas. (HIDDLESTON, 2014). Contraditoriamente a política colonial universaliza o conceito de “ser humano”, afirmando a ideia de que os povos colonizados eram diferentes e deveriam explorar e desenvolver sua cultura particular, ao mesmo tempo em que particulariza, reafirmando a superioridade da civilidade francesa. Uma contradição que levava o colono a ter o desejo incoerente de que o nativo fosse diferente, mas igual (HIDDLESTON, 2014).

Esse “humanismo colonial” com práticas de “assimilação e exclusão”, “universalização e particularização”, constituirá o contexto em que Mouloud Feraoun começará a escrever seus romances. Se inserindo nessa disputa simbólica, o romancista buscou nesse cenário “aprender com a crença republicana na liberdade, igualdade e fraternidade universais, mas procurar reinterpretar esses princípios humanistas generalizados de modo a abranger de forma mais convincente as experiências das massas colonizadas” (HIDDLESTON, 2014, tradução nossa).

TESTEMUNHO

Em meados do século XX, surge um movimento político-literário que ficou conhecido pela produção dos chamados romances etnográficos. Textos literários com a preocupação de registrar e descrever a vida cotidiana e a cultura dos povos nativos, sob ameaça do regime colonial (KELLY, 2005). Esses textos, geralmente romances, escritos

em língua francófona e produzidos diante de um processo violento de apagamento cultural devido à violência colonial, possuíam de forma consciente a preocupação de preservar essas culturas e memórias em vias de apagamento (KELLY, 2005 e BOURDIEU e MAMMERI, 2005).

Escritores como Mouloud Feraoun, Assia Djebar, Albert Memmi e Abdelkébir Khatibi, por exemplo, possuíam a intenção de ao mesmo tempo reescrever a materialidade da vida cotidiana de seu povo, aliado ao desejo de compreender sua própria história. E assim compreendendo a si mesmos pudessem revelar um aspecto mais universal, de uma experiência compartilhada por todos os que foram colonizados (KELLY, 2005 e HIDDLESTON, 2014). Mesmo partindo de países distintos, esses escritores compartilharam o sofrimento de verem de forma acelerada a destruição e o desenraizamento da sua cultura. Portanto, iniciam um processo de escrita politicamente engajado em preservar a memória do seu povo, e testemunhar os horrores da violência colonial (KELLY, 2005).

Bourdieu e Mammeri ao refletirem a respeito da etnologia realizada na Argélia, afirmam que, houve escassez de etnografias preocupadas em compreender e preservar a cultura cabila, e que os poucos registros eram realizados principalmente por administradores civis e militares franceses (BOURDIEU e MAMMERI, 2022). Esse cenário fez com que os textos desses romancistas, incluindo o trabalho de Mouloud Feraoun, se tornassem uma fonte essencial para evitar uma produção antropológica marcada pela colonialidade.

A partir dos anos 1920 alguns autores, sejam eles franceses ou *pied noir* começaram a escrever contos e romances tendo a Argélia como foco. Esses textos literários, manifestavam ao mesmo tempo uma identidade pretensiosamente argelina (e nesse caso muçulmana) e os ideais de assimilação (KELLY, 2005). Esse textos buscavam realizar o duplo desejo, de reafirmação do “Eu” e do “Outro” e pretendiam uma aliança política entre colonizados e colonizadores, concordando com o ideal de progresso e desenvolvimento da Argélia a partir da colonização francesa (KELLY, 2005). Portanto, segundo Kelly, essa literatura –que antecedeu os romances etnográficos argelinos– feita por franceses ou *pieds-noirs*, até o período da descolonização da Argélia, era uma literatura descrita como “orientalista” ou “exótica”, pois enfatizava os dilemas do humanismo colonial (KELLY, 2005). Esses textos conciliadores produzidos nas décadas de 1920-1930, principalmente, contribuíram para localizar os romances do Feraoun como sendo textos “etnográficos”, em um primeiro momento, esvaziados de

estratégias políticas e desta forma os considerando inofensivos à lógica colonial (KELLY, 2005).

Feraoun escreve seus principais romances, próximo a esse movimento anterior. “*Le fils du pauvre*” seu livro mais conhecido e estudado começou a ser escrito em 1939, é finalizado em 1944, porém devido a dificuldades de conseguir um financiamento acaba por ser publicado com verba própria em 1950 (KELLY, 2005). Seu segundo romance “*La terre et le sang*” é publicado poucos anos depois em 1953, já muito próximo da eclosão da guerra de independência da Argélia (1954-1962). No mesmo ano é publicado um livro dedicado a narrar a vida cotidiana cabila, contendo ilustrações, chamado de “*Jours de Kabylie*” (1953). Feraoun também publicou um terceiro romance, “*Les Chemins Qui Montent*” poucos anos depois, em 1957. Em 1960 publica “*Les Poèmes de Si Mohand*”, um ensaio da vida e obra do poeta Si Mohand Aït-Irathen, contendo seus poemas. Entre 1955 e 1962, Feraoun escreve um diário, publicado como “*Journal, 1955-1962*”, em que faz relatos e reflexões sobre a guerra de independência, cobrindo quase a totalidade temporal do evento. Suas correspondências pessoais também foram publicadas em formato de livro com o nome de “*Lettres à Ses Amis*” em 1969. Outros textos como “*L’Anniversaire*” e “*Fouroulou Menrad*” foram iniciados durante a guerra, porém não chegaram a ser terminados pelo autor, sendo publicados apenas em 1972 (KELLY, 2005).

A obra de Feraoun possui um foco em uma compreensão humanista, que tenta aproximar o sofrimento dos argelinos, ao sofrimento dos franceses, no sentido de alargar o ideal de humanidade da época, focando na humanidade compartilhada pelo colonizador e colonizado (HIDDLESTON, 2014). Além da crítica ao sistema colonial, sendo um pacifista declarado, Feraoun, analisa de forma cautelosa o uso da violência pelos próprios revolucionários da FLN, as enxergando como um “potencial autoritarismo dos líderes do partido”(HIDDLESTON, 2014, tradução nossa).

A crítica anticolonial não é ferozmente escancarada em seus textos, e não há embates diretos contra o colonizador. A sua posição ideológica é colocada de maneira implícita no texto, a sua preocupação é em manifestar a Cabília, como uma sociedade autônoma com um conjunto de valores próprios (KELLY, 2005). Feraoun põe em evidência, personagens cabilas, mostrando que os mesmos possuem identidade e aspirações próprias e compartilhavam sentimentos, sensibilidades e dilemas éticos e morais da mesma maneira que os europeus, demonstrando a complexidade do seu povo.

Deste modo, Feraoun busca “estabelecer os direitos dos cabilas” e expor a Cabília como uma sociedade já “civilizada”, frente a própria lógica do colonizador (KELLY, 2005).

Em “*La terre et le sang*”, Feraoun inicia o texto com uma narração inicial percorrendo o caminho até o vilarejo cabila de Ighil-Nezman. Nesse momento, já inicia um processo de quebra de expectativa ao leitor estrangeiro. A personagem chamada de “Madame”, a esposa francesa do personagem principal Amer, chega cheia de ilusões sobre a terra, de forma romântica louvando a simplicidade da natureza, visão que contrasta com a dureza e ironia da narração do lugar, mostrando a “pobreza e ênfase a severidade da paisagem” (KELLY, 2005 e HIDDLESTON, 2014). Essa visão exotizada da Cabília, geralmente demonstrada pela personagem “Madame”, continua sendo quebrada ao longo do romance, principalmente em conflito com a mãe do personagem principal Kamouma, que se torna responsável por introduzi-la aos costumes cabilas (HIDDLESTON, 2014). Devido a morte do pai de Amer, a casa de Kamouma se torna um local de encontro para as mulheres da aldeia e nesse espaço feminino a “Madame” encontrará conflitos culturais e o narrador busca demonstrar a incorporação dos costumes locais nas mulheres.

Ao descrever “Kamouma”, o narrador tenta demonstrar com franqueza e realismo os efeitos do casamento precoce da personagem, a sua gestação complicada e o parto sem cuidados médicos adequados aos padrões franceses. Porém ele o faz sem espetacularizar e dramatizar artificialmente o acontecimento, sua narração é focada em relatar a vivência cotidiana da pobreza desse povo (HIDDLESTON, 2014).

Feraoun também busca destacar no seu texto os diversos traumas sofridos por Amer na França. A quebra de suas expectativas nesse país, a exploração do seu trabalho, a expectativa de auxílio financeiro dos membros de sua família sendo frustrada e a morte de um personagem que impacta diretamente a permanência de Amer na França e sua receptividade em sua aldeia natal (HIDDLESTON, 2014).

Jane Hiddleston, também aponta que em vez de unificar a Cabília frente ao nacionalismo emergente da FLN, através de costumes, tradições e expectativas compartilhadas, Feraoun aponta as diferenças, os conflitos, as tensões e dilemas morais enfrentados pelos personagens dentro da sua própria comunidade (HIDDLESTON, 2014). Essas tensões geralmente são construídas em “*La terre et le sang*” a partir de um choque cultural efetuado pela volta do Amer, que passou um período trabalhando na França e pela nebulosidade que envolve a morte do personagem argelino chamado

Rabah, morto após o tio de Amer dar partida no trem enquanto ele ainda dormia nos trilhos onde todos trabalhavam.

A morte de Rabah é um evento traumático que percorre a mente de Amer, ao mesmo tempo em que é culpado injustamente por essa morte. As relações de migração e o tempo que Amer passou sendo um operário na França evocam mudanças nos costumes e essas mudanças geram conflitos na sua terra natal (HIDDLESTON, 2014). Amer busca voltar à sua aldeia natal, para recuperar sua vida anterior aos seus traumas, contudo, esses permanecem, tanto em sua memória, tanto condicionado sua relação com sua comunidade que o culpa. Ao mesmo tempo que Feraoun utiliza da necessidade migratória para enfatizar que a miséria do seu povo se acentua com a colonização e que o sucesso financeiro com o trabalho na França acaba por ser uma ilusão compartilhada pela sua comunidade.

Com o passar do tempo a personagem apelidada de “Madame”, passa a ser chamada de Marie –seu nome real– pelos habitantes locais. Na medida em que ela convive com os cabilas, ela vai incorporando a linguagem e o costume cabila incorporando o *habitus* local. Uma subversão da lógica colonial assimilacionista. Não é mais o cabila que se adapta a cultura francesa, que aprende a língua francesa para se comunicar e civilizar-se, mas sim o francês, na pessoa de Marie. Assim o francês que passa a ser civilizado dentro dos costumes cabilas e se adequa a sociedade que antes o achava ingênuo e ignorante dos costumes vistos como corretos dentro dessa comunidade.

Feraoun também demonstra, em “*La terre et le sang*” que nem todos os atos e ações dos personagens possuem um significado, humanizando-os e desmistificando a ideia do cabila como um “bom selvagem” (HIDDLESTON, 2014). Amer ao se aproximar de um personagem chamado Slimane e fazer amizade com ele, acaba por se envolver romanticamente com sua esposa Chabha. E quebrando a expectativa do leitor francês da época, que esperava encontrar uma comunidade pré-capitalista unida acima de tudo pelos laços de parentesco e de honra, o relacionamento de Amer e Chabha se torna um escândalo, aumentando os conflitos internos daquela comunidade.

Se o título de Feraoun se refere ao poder dos laços de parentesco e da terra natal, o romance sugere constantemente que ambos estão sujeitos a mudanças e podem ser destruídos pela distância, pela traição e pelas contingências do destino. *La Terre et le sang* pode ser um romance realista, mas é um romance que também põe em dúvida a aparência, as memórias, o comportamento e a autoimagem de seus personagens. A “realidade” da comunidade que ele

descreve é que a percepção que ela tem de si mesma e dos seus membros está necessariamente sujeita a reavaliação constante. (HIDDLESTON, 2014, tradução nossa)

Ao contrário das tendências dos romances realistas europeus do século XIX, e apesar da preocupação real de Feraoun em subverter as lógicas coloniais, e de narrar os costumes e tradições do seu povo, o autor não se vê interessado na inserção de uma lógica nacionalista em seu romance (HIDDLESTON, 2014). Os romances de Feraoun não produzem uma “nova cultura nacional, nascida, como prevê Fanon, na solidariedade do momento de conflito”, mas sim, se focam “nas divisões dentro da comunidade cujos costumes ele, no entanto, afirma e aos quais ele enfaticamente pertence” (HIDDLESTON, 2014, tradução nossa). A riqueza de seus romances reside no retrato do seu povo que sofre pela colonização francesa, pela exploração de suas terras que os obriga a migrar por trabalho, pela decepção constatada na migração, pelo projeto assimilacionista e o contágio cultural que divide a comunidade e causa antagonismo entre os personagens.

CONCLUSÃO

A trajetória de vida de Feraoun –desde o seu nascimento numa aldeia pobre na Cabília, até seu estudo em escola francesa, suas posições intelectuais, sua escrita e, por fim, seu assassinato– foi intimamente marcada pelas consequências da colonização da Argélia. Primeiramente percebemos o valor do caráter documental e portanto etnográficos de seu texto, para a preservação da memória do seu povo, através das narrações da vida cotidiana e tradições cabilas. Indo contra as tentativas de assimilação pela França, que visavam suprimir a cultura argelina, para impor a sua cultura e sua visão de civilização. Seus livros portanto deixam um registro importante de como um cabila enxergava a si mesmo e seu povo, ao mesmo tempo em que Feraoun se preocupa em testemunhar o horror e a violência da guerra e a miséria causada pela colonização. Sua obra é hoje considerada pioneira e de extrema relevância para a construção de uma escrita norte-africana em francês (KELLY, 2005). Desta forma, compreendemos que o trabalho de Mouloud Feraoun é extremamente rico e revolucionário para a época e extremamente relevante para os dias de hoje.

Além disso, podemos notar um segundo aspecto de extrema importância em seus textos, que é a luta pelo reconhecimento da identidade cabila frente a colonização. Feraoun apresenta os cabilas como um povo, repleto de anseios, necessidades, vontades,

sentimentos, dilemas e paradoxos, igualando o colonizado ao colonizador em aspecto de humanidade, contrariando a ótica do humanismo colonial da época. E por fim, considerando a tradição cabila pautada na oralidade e na poesia da *Tamusni*, vemos o quão singular é Feraoun ao se expressar por meio de romances. Mesmo que fruto da sua semi-assimilação, essa forma de expressão, essa escolha, gera um diálogo diretamente com o colonizador, usando uma linguagem ocidental, Feraoun busca quebrar o orientalismo sobre o seu povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *Antropología de Argelia: Prólogo, estudio preliminar y revisión de la traducción de Elena Hernández Corrochano*. Editorial Universitaria Ramón Areces, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Argélia 60: Estruturas econômicas e estruturas temporais*. 1. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Diálogo sobre a poesia oral na Cabília: entrevista de Mouloud Mammeri a Pierre Bourdieu*. Revista de Sociologia e Política, p. 61-81, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *O sentimento de honra na sociedade Cabília*. In: PERISTIANY, John G. (Org.). *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrânicas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965

BOURDIEU, Pierre; MAMMERI, Mouloud. *Sobre o uso apropriado da etnologia*. Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar, v. 12, n. 1, 2022.

BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. *A dominação colonial e o sabir cultural*. Revista de Sociologia e Política, p. 41-60, 2006.

BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. *El desarraigo: La violencia del capitalismo en una sociedad rural*. 1. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

HIDDLESTON, Jane. *Decolonising the Intellectual Politics, Culture, and Humanism at the End of the French Empire*. Liverpool: Liverpool University Press, 2014.

KELLY, Debra. *Autobiography and Independence: Selfhood and Creativity in North African Postcolonial Writing in French*. Liverpool: Liverpool University Press, 2005.

KIERNAN, Ben. *Blood and soil: A world history of genocide and extermination from Sparta to Darfur*. Yale University Press, 2007.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Editora Companhia das Letras, 2007.

WACQUANT, Loïc. *Seguindo Pierre Bourdieu no campo*. Revista de Sociologia e Política, p. 13-29, 2006.